

LGBTFOBIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EXCLUSÃO E EVASÃO ESCOLAR

Eixo Temático 14 – Expressões de Gêneros e Sexualidades no Espaço da Escola

Igor Cruz de Castro¹

Ian Moura Martins²

Marcos Nicolau Santos da Silva³

RESUMO

A evasão e o abandono escolar representam um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante do espaço e da vida escolar, fomentada por um conjunto de circunstâncias internas e externas ao ambiente da escola. Este trabalho discute, através de auxílio teórico, o processo de exclusão de jovens LGBTQIAPN+, considerando situações de evasão e abandono escolar. Quanto aos procedimentos, adotou-se a revisão de literatura de fontes secundárias, retirados da ABGLT e da UNESCO. A partir da escassez de estudos sobre o tema proposto, concluiu-se que há uma urgência em realizar pesquisas e ações concretas nas instituições educacionais, bem como formação de professores para a diversidade sexual e de gênero, a fim de reduzir a LGBTfobia e evitar o abandono e a evasão escolar.

Palavras-chave: LGBTFOBIA; População LGBTQIAPN+; Violência de gênero.

INTRODUÇÃO

A evasão e o abandono escolar são problemáticas que permeiam os debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira, assim como no cenário das políticas públicas educacionais. Em face disso, as discussões acerca destas temáticas, em parte, têm tomado como ponto central de debate o papel tanto da família quanto da escola em relação à vida escolar da criança e do adolescente.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Maranhão, ic.castro@discente.ufma.br;

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Maranhão, ian.moura@discente.ufma.br;

³ Professor orientador: Doutor em Geografia; Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão - Câmpus de Grajaú, marcos.nicolau@ufma.br.

Sobre o papel da escola, Spozati (2000) destaca que ela pode ser responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos, pois, dependendo da atuação e as estratégias mobilizadas, os jovens podem perder rapidamente o entusiasmo pelos estudos. Nesse contexto, a evasão e o abandono representam um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante da vida escolar.

A exclusão do jovem⁴ LGBTQIAPN+ no ambiente escolar configura-se como uma situação negativa no cenário educacional, apresentando uma relação com o abandono do espaço escolar pelo adolescente (SPOZATI, 2000). Geralmente, quando a temática LGBTQIAPN+ é abordada em sala de aula, ela é apresentada de forma superficial e breve. Além disso, a educação sexual é, na maioria das vezes, tratada pela escola a partir do viés heterossexual e da lógica do medo, não do respeito.

Deste modo, este trabalho objetivou discutir, através de auxílio teórico, o processo de exclusão de jovens LGBTQIAPN+ vítimas de LGBTfobia na escola, considerando situações de evasão e abandono escolar.

METODOLOGIA

Tendo como base os pressupostos de Andrade (2003), este estudo caracteriza-se de duas formas:

- I) **No que se refere aos seus objetivos, pode ser considerado pesquisa exploratória:** visa proporcionar maiores informações sobre um assunto investigado, familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão desse a fim de poder formular um problema mais preciso;
- II) **Quanto ao seu objeto, caracteriza-se como uma pesquisa de revisão de literatura:** fornece subsídios para o conhecimento sobre o conteúdo da pesquisa, o tratamento de temas apresentados na literatura científica, post-chave e/ou pontos de vista.

Além da revisão bibliográfica, utilizaram-se dados de fontes secundárias, retirados da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

⁴De acordo com o Art. 1º § 1º da Lei nº 12.852 de 05/08/13, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade (BRASIL, 2013).

EXCLUSÃO E EVASÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: um recorte teórico

De acordo com Riffel e Malacarne (2010), semanticamente, a evasão é o ato de evadir-se, fugir, abandonar, desistir ou não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se como a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade, ou seja, configura-se como uma interrupção no ciclo de estudos. A diferença entre abandono escolar e evasão é que, no primeiro, o aluno desliga-se da escola, mas retorna no ano seguinte; na evasão, o aluno sai da escola e não volta mais para o sistema escolar (INEP, 1998).

Ferreira (2013) aponta que a evasão e o abandono escolar são resultados do fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivencia o aluno em seu cotidiano. Nesse sentido, Vasconcellos *et al.* (2007) alertam que todos os brasileiros estão imersos em uma sociedade caracterizada por graves desigualdades sociais, decorrentes de um processo histórico que marginalizou e inviabilizou algumas etnias, classes, dentre outros. Essas barreiras podem repelir os alunos, impactando negativamente o seu processo de ensino-aprendizagem.

No âmbito destas problemáticas, reverberam-se a reprovação e a evasão, que, por sua vez, estão contempladas na definição de fracasso escolar, por ser decorrente do baixo desempenho acadêmico dos alunos, devendo estes concluir os estudos de acordo com as exigências da rede de ensino.

Freitas (2007) diz que esses fatores estão diretamente ligados à exclusão do aluno no ambiente escolar, visto que a reprovação está conectada às carências do aluno na escola, no qual alguns discentes são tratados como incapazes de aprender. Por trás de situações de infrequência, abandono e evasão escolar, existem motivações das mais diversas naturezas: questões pessoais, econômicas, emocionais, culturais, familiares dos alunos, que muitas vezes não são levadas em consideração e investigação.

A SIGLA LGBTQIAPN+ E SEUS SIGNIFICADOS

A comunidade LGBTQIAPN+ representa a reunião de pessoas que apresentam identidades de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais para além de um padrão heteronormativo (SILVA, 2020). As pessoas que fazem parte dessa comunidade são historicamente marginalizadas e excluídos da sociedade. Por isso, reivindicam a

elaboração, efetivação e respeito dos seus direitos civis e constitucionais, buscando mais representatividade e diversidade (BORTOLETTO, 2019).

O movimento, que nasceu com a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), ao longo dos anos, passou por transformações e novas letras foram incluídas em sua sigla (SILVA, 2020). A Figura 1 detalha a representação dessa sigla.

Figura 1 – Conceituações das siglas LGBTQIAPN+

SIGLA	SIGNIFICADOS
L = Lésbicas	Denominação específica para mulheres que, independentemente da identidade de gênero, sentem atração sexual/romântica por pessoas do mesmo gênero (mulheres/feminino).
G = Gays	Denominação específica para homens que, independentemente da identidade de gênero, sentem atração sexual/romântica por pessoas do mesmo gênero (homens/masculino).
B = Bissexuais	São pessoas que sentem atração sexual/romântica por mais de um gênero.
T = Travestis e Transgênero	As travestis são pessoas que nasceram com determinado sexo, atribuído culturalmente ao gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto, mas não necessariamente se definem como mulheres. Já as pessoas transgêneros ou trans, são aquelas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento.
Q = Queer	São pessoas que não se identificam com os padrões de heteronormatividade impostos pela sociedade e transitam entre os “gêneros”, sem necessariamente concordar com tais rótulos.
I = Intersexo	São pessoas que possuem variações biológicas não binárias. Isto é, a intersexualidade está relacionada às características sexuais biológicas, diferente da orientação sexual ou da identidade de gênero.
A = Assexual	São pessoas com ausência total, parcial, condicional ou circunstancial de atração sexual. A assexualidade é um termo guarda-chuva que engloba aromânticos, românticos, homoromânticos, heteroromânticos, biromânticos, panromânticos, demissexuais, entre outros.
P: Pansexuais	Pessoas que possuem atração sexual/romântica por pessoas independentemente do sexo ou gênero delas.
N: Não-binária	Pessoas que não se identificam no padrão binário de gênero. A não-binariedade é um termo guarda-chuva, e engloba as identidades e expressões de gênero que fogem ao binarismo, como por exemplo agênero, gênero fluido, entre outros.
+ (mais)	É utilizado para incluir demais identidades de gênero e orientações sexuais, dado que a sigla está em constante mudança.

Fonte: Adaptado do MDH (2018); UFSC diversifica (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

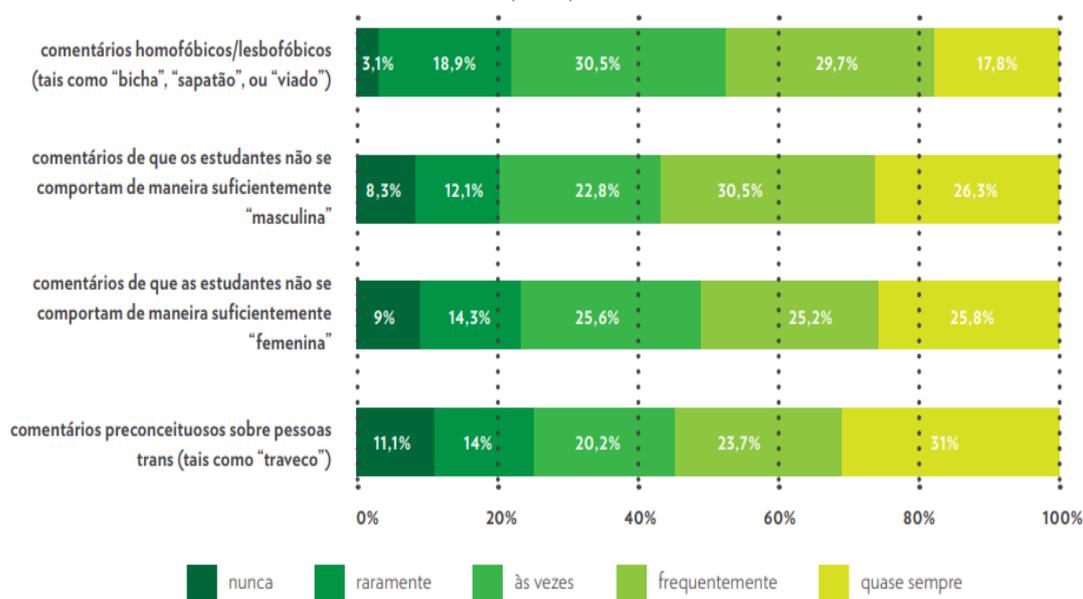
Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais apresenta-se nos padrões de representação de gênero e organizações familiares, nos discursos sobre afetos e na ausência do tema sobre diversidade sexual. Para Lionço *et al.* (2008), a heteronormatividade impõe um silêncio sobre essa temática, com isso, as crianças muito precocemente aprendem a indexar o universo social pela dicotomia do binarismo de gênero.

É reconhecido que as sexualidades que não seguem o padrão binário (homem e mulher), nunca foram e continuam não sendo plenamente aceitas e tratadas com naturalidade. Essa supressão da diversidade se expressa pelo preconceito e a discriminação, a exemplo da LGBTfobia. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Humano (2018), a LGBTfobia é o preconceito e/ou discriminação em virtude da

identidade de gênero ou orientação sexual dos indivíduos. Há várias expressões sociais da LGBTfobia, desde atos violentos de agressão física e restrição de direitos sociais até a imposição da exclusão social às pessoas cujas práticas sexuais não são heterossexuais (BORRILLO, 2000).

Na escola, a LGBTfobia se expressa por meio de agressões verbais e/ou físicas a que estão sujeitos estudantes que resistem a se adequar à heteronormatividade. No relatório da ABGLT (2016), cerca de 60% dos alunos das escolas brasileiras se sentiam inseguros/as na escola por causa de sua orientação sexual; 43% se sentiam inseguros/as de sua identidade/expressão de gênero e 73% já sofreram agressão verbal devido sua orientação sexual. Além disso, uma porcentagem significativa destes estudantes já ouviu comentários LGBTfóbicos em sua instituição educacional (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Frequência com que estudantes ouvem comentários LGBTfóbicos na instituição educacional (2016)



Fonte: ABGLT, 2016.

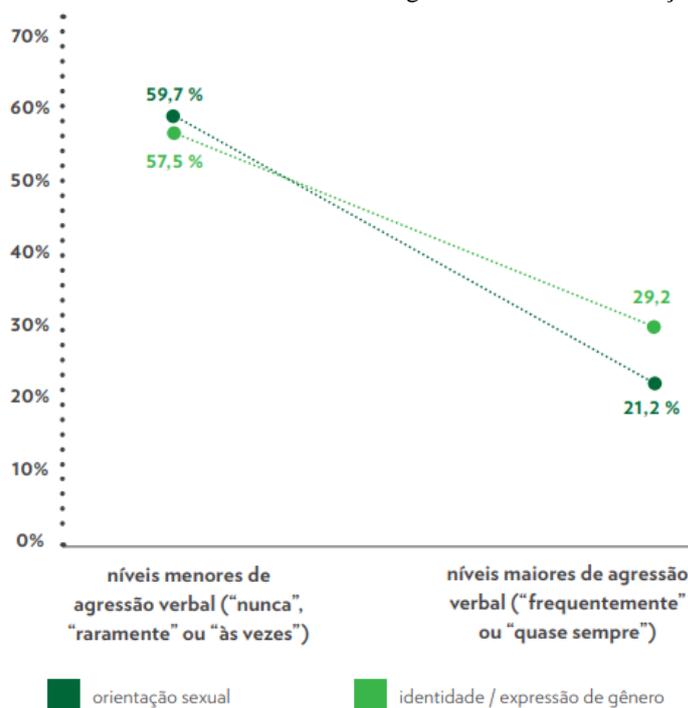
Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar de jovens LGBTQIAPN+. Esse grupo desde cedo passa por um processo chamado de “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes, que se tornam poderosos mecanismos de silenciamento e dominação simbólica (SULLIVAN, 1996).

O termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por estudantes no ambiente escolar, e o bullying LGBTfóbico nomeia especificamente a

violência sofrida por alunos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. O bullying LGBTfóbico resulta na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual e também em algumas tentativas de suicídio de crianças e adolescentes que estão em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e à discriminação sofridos no espaço escolar (DINIS, 2011).

A evasão e o abandono escolar desses jovens, portanto, pode ser considerado um processo que se manifesta rápido ou lentamente, iniciado através da exclusão do aluno. Mesmo quando alunos vítimas de preconceito continuam na escola, esse ambiente nocivo impacta nas suas aprendizagens e desenvolvimento integral. A escola pode se constituir como um não lugar para o aluno, no qual ele não se sentirá acolhido (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Pertencimento à escola e gravidade da discriminação (%)

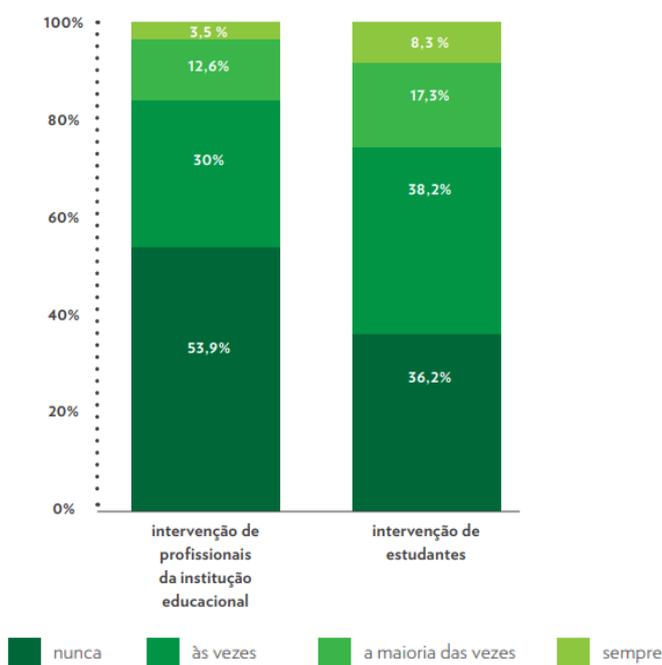


Fonte: ABGLT, 2016.

Quanto maiores e constantes tendem a ser os níveis de agressão, mais os alunos sentem-se distantes da escola. Somam-se a essas problemáticas, a falta de entendimento, o preconceito e ausência da intervenção dos professores para combater a LGBTfobia. Segundo uma pesquisa realizada pela UNESCO em 2004, em todas as Unidades da Federação brasileira, na qual foram entrevistados 5 mil professores da rede pública e privada, revelou que, para 59,7%, é inadmissível que uma pessoa tenha relações

homossexuais. Apesar de serem dados antigos, eles são ainda bastante preocupantes, tendo em vista que boa parte desses professores ainda leciona. A ausência dos professores no que tange ao combate à LGBTfobia também foi percebida no relatório ABGLT (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Intervenção por profissionais da Instituição Educacional ou estudantes quando comentários LGBTfóbicos foram feitos (%)



Fonte: ABGLT, 2016.

Os dados do gráfico revelam que quase 85% dos professores nunca ou às vezes interviram em situações de LGBTfobia. Essas informações explicitam a necessidade de preparação e formação dos professores para além de um olhar heteronormativo. Assim, a ABGLT (2016) apresentou algumas recomendações, para que haja uma diminuição nos casos de LGBTfobia dentro e fora do ambiente escolar e, conseqüentemente, uma diminuição de casos de abandono e evasão:

- I) Supervisão regular das práticas de ensino para garantir que os conteúdos curriculares sobre a promoção do respeito à diversidade sexual sejam implementados efetivamente;
- II) Implantação de canais por meio dos quais estudantes LGBTQIAPN+ possam denunciar discriminação e violência;
- III) Destinação de recursos financeiros especificamente para pesquisas sobre a comunidade LGBTQIAPN+, para que haja dados empíricos para sustentar intervenções e políticas públicas;

- IV) Criação de campanhas veiculadas aos meios de comunicação para sensibilizar sobre os efeitos da discriminação e do bullying sobretudo contra estudantes LGBTQIAPN+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que atualmente haja maior abertura para se debater a diversidade sexual e de gênero, a temática LGBTQIAPN+ ainda é pouco estudada nas escolas públicas e privada, especialmente no Brasil, onde as pesquisas desse tipo são escassas. O debate público da tolerância à diferença e na elaboração de políticas públicas e orientação aos agressores é urgente.

Propor reflexões sobre a temática em questão é fundamental, visto que a realidade atual confronta com a diversidade sexual e, conseqüentemente, com a LGBTfobia no ambiente escolar, no qual o jovem é sujeito a preconceitos de todos os tipos. As posturas e as condutas adotadas histórica e culturalmente na sociedade LGBTfóbica devem ser revistas com maior seriedade. É preciso uma mudança de comportamento e atitudes por parte de todo o sistema educacional.

Medidas sociais amplas poderão favorecer situações futuras em que os estudantes tenham a mesma oportunidade de aprender no ambiente escolar independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Primeiramente, deve haver um combate à LGBTfobia, assim, os alunos vítimas desse preconceito deixarão de ser (ou de se sentirem) excluídos e, conseqüentemente, deixarão de abandonar ou evadir da escola.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais.** Curitiba: ABGLT, 2016.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia ao trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2003.

BORRILLO, D. **L'homophobie.** Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

BORTOLETTO, G. E. **LGBTQIA+:** identidade e alteridade na comunidade. São Paulo, 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.852 de 05/08/13**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.html. Acesso em: 28 jul. 2022.

DINIS, N. F. Homofobia e Educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, 2011.

FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar**. 2013. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacao-escolar/fracasso-evasao-escolar.htm>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FREITAS, L. C. Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. **Revista Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 965-987, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar**. 1998. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/informe-estatistico-do-mec-revela-melhoria-do-rendimento-escolar/21206. Acesso em: 03 dez. 2020.

LIONÇO, T. *et al.* Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Rev. Psicologia Política**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 307-324, dez. 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (MDH). **Manual Orientador Sobre Diversidade**, 2018. Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2018/ManualLGBTDIGITALmdh.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. **Evasão escolar no ensino médio: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina**. 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1996-8.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SILVA, G. **Qual o significado da sigla LGBTQIA+?**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SPOZATI, A. Exclusão Social e Fracasso Escolar. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 71, p. 21-32, jan. 2000.

SULLIVAN, A. **Praticamente normal: uma discussão sobre a homossexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.

VASCONCELLOS, S. [et al.]. A Inclusão e a Exclusão Escolar de Alunos e Alunas do Ensino Fundamental Pela Interação Entre Professor e Aluno. **Revista Mattos**, v. 1992, 2007.